

Que Faculdade de Letras?

Por JOSÉ AUGUSTO SEABRA

A visita do ministro da Educação e Investigação Científica ao Porto, cumprindo uma das regras a que deveria obedecer sempre o exercício do poder — a de conhecer de perto as realidades do País, tanto na sua dimensão nacional como local —, constituiu para os professores e estudantes da nossa Universidade uma oportunidade de exporem aos responsáveis da política educativa, ao nível do Ensino Superior, representado pelo respectivo secretário de Estado, também presente, os problemas, dificuldades e perspectivas com que se defrontam as diferentes Faculdades da segunda cidade do País. A atenção com que esses responsáveis ouviram os seus porta-vozes — atenção que era aliás de esperar de quem até há pouco presidiu à Comissão de Planeamento da Região Norte — permite aguardar que seja dado seguimento efectivo às preocupações e aspirações patentes nas intervenções, algumas delas incisivas mas todas muito construtivas e concretas, de quantos, com sacrifícios e em condições por vezes penosas, assumiram nos órgãos de gestão os seus direitos

(CONTINUA NA 4.ª PÁGINA)

PRIMEIRO DE JANEIRO
Porto

CERVEIRA NOVA
Vila Nova de Cerveira

21 JAN 1979

Que Faculdade de Letras?

Continuação da 1.ª página

e deveres, tanto no plano directivo como científico e pedagógico. É que, no meio da depressão difícil que atravessamos, ignorar que da preparação de quadros com qualificação (e qualidade) superior depende em grande parte o futuro do País, seria fechar os olhos às evidências e deixar-se obnubilado por uma estreiteza de curtas vistas. O desenvolvimento económico, social e cultural passa pela valorização dos recursos humanos, tanto como pela dinamização do factor investimento e do factor trabalho, e se as medidas puramente restritivas — mesmo se de certo modo inevitáveis no plano financeiro — não forem acompanhadas das redistribuições necessárias e das opções adequadas no quadro de uma renovação das estruturas universitárias, tendente à modernização do ensino e da investigação científica, não só a situação já periclitante se agravará como pode degradar-se irremediavelmente, esterilizando os esforços até aqui feitos e lançando por décadas a sociedade portuguesa na mediocridade, isto é, numa «apagada e vil tristeza», de que as consequências são imprevisíveis.

Sem querer fazer incursões em domínios que me não competem, limitar-me-ei a exemplificar com o caso da Faculdade de Letras do Porto, que após tantas vicissitudes — encerramento pelo antigo regime, reabertura fragmentária na fase declinante deste e metamorfoses convulsivas após o 25 de Abril — continua a ser uma espécie de parente pobre da nossa Universidade, não só por carência de meios (instalações exiguas, docentes em número nem de longe correspondente ao afluxo anual de novos estudantes, ausência de instrumentos didácticos e de investigação científica actualizados) mas por preterição e até tentativa de subalternização relativamente a algumas Universidades recentemente criadas, importantes sem dúvida, mas notoriamente mais incipientes no seu nível de formação, apesar de disporem de condições comparativamente privilegiadas e até luxuosas. Acresce a isso, last but not the least, o urgente repensar da sua função clássica, em vista da sua transformação numa autêntica Faculdade de Letras e Ciências Humanas, dada a urgência da formação de quadros em domínios como o das ciências sociais, além da prossecução das aberturas já em curso no âmbito das ciências da linguagem (Linguística, Semiologia), numa perspectiva interdisciplinar e em concomitância com uma investigação séria. Mesmo sem o conveniente apoio administrativo, pode dizer-se que algo vem sendo feito nesse sentido, tornando-se apenas necessário que o Ministério, acompanhando esta metamorfose, faça um esforço para que, em termos de equidade e sem pesados encargos orçamentais, seja dada a uma Faculdade sempre sacrificada a reparação que merece, não só devido aos prejuízos de que foi vítima no passado, privando-se assim toda uma grande cidade e numa região de uma formação humanística, mas pela urgência de corresponder às necessidades gritantes de um presente em mutação rápida.

Porquê esta minimização da Faculdade de Letras do Porto, quando tem dado tantas provas de maturidade e sentido das responsabilidades como ainda aconteceu recentemente quanto à aplicação do Dec. 53/78, ao ser a única do País a adaptá-lo, sem contestações estérteis, mas dentro de um espírito realista e construtivo, às possibilidades de renovação pedagógica em que se tem empenhado? Porquê a nítida inferiorização dos seus diplomados candidatos aos estágios pedagógicos, relativamente aos de outras universidades regionais e institutos politécnicos com menor qualificação científica, vindo-se licenciados da Faculdade de Letras do Porto preteridos perante bacharéis desses estabelecimentos? Porquê, no projecto relativo aos «mestrados em Educação», nem um só, no domínio das línguas e das ciências sociais, foi reservado ao Porto? Porquê, enfim, o não aproveitamento dos contributos que os Centros de Investigação de Linguística e de Literatura da Universidade do Porto têm tentado dar, nas respectivas áreas, através de serviços prestados à Comunidade, e particularmente da colaboração com os orientadores pedagógicos das regiões norte e centro? Será que, uma vez mais, se quer atrofiar a Faculdade de Letras do Porto, desviando dela os estudantes e premiando a facilidade e a mediocridade que alhures vão encontrar, com aparentes «vantagens» imediatas, mas com uma inexorável desqualificação futura? Pretender-se-á banalizar desse modo o Ensino Superior e Secundário, em sectores decisivos para a formação das gerações a vir, com o inerente «analfabetismo» cultural, que se irá reflectir na própria produtividade da mão-de-obra e dos quadros técnicos de que a nossa economia precisará? Estará a preparar-se, por outro lado, um desemprego intelectual larvar, desalentando a motivação dos estudantes e lançando-os na rotina, ou mesmo no abandono?

Não, o Porto, as suas forças vivas, a sua população e os seus representantes nos órgãos políticos centrais e locais, não deixarão que a sua Faculdade de Letras criada com tanto esforço por Leonardo Coimbra e pela bela plêiade de professores da sua geração, espezinhada por Salazar e tolerada pelos seus discípulos, seja de novo lançada no ostracismo. Estamos em crer que isso não sucederá, enquanto no Ministério da Educação estiver alguém que a esta região dedicou o melhor do seu empenhamento, sendo conhecedor das vantagens, mas também das dificuldades, da descentralização. A autonomia das universidades, no Porto anunciada, corresponderá sem dúvida a concessão de meios (não excessivos nem supérfluos, pois estamos em época de austeridade) para que as suas Faculdades possam viver e trabalhar com dignidade. Assim o esperam, não só os estudantes e professores, mas todos quantos no Porto prezam a Cultura e o Saber. A Faculdade de Letras, quanto a ela, saberá corresponder à sua missão, se todos os seus membros puserem a exigência de qualidade e criatividade acima de preocupações corporativas ou partidárias. É esse o espírito de quantos nela — e são a maioria — estudam e ensinam.

JOSÉ AUGUSTO SEABRA

0105/79

Univ. do Porto - Opinião